

XXXIV
CONFAB
2025

Congresso Nacional da Federação de Arte/Educadores do Brasil
Congresso Internacional de Arte/Educadores

ESCOLA EM CENA - O TEATRO DE FANTOCHES NO ENSINO FUNDAMENTAL

Jheniffer Stefane Rodrigues da Silva¹

Lyane Marcelle Cavalcante Santos²

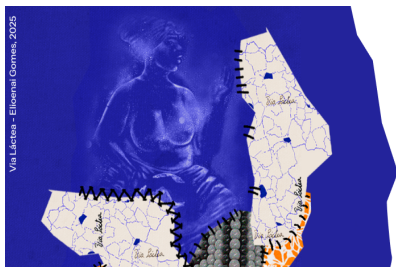
INTRODUÇÃO

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) integra a Política Nacional de Formação de Professores do Ministério da Educação (MEC) e tem como finalidade fomentar a iniciação à docência, contribuindo para o aperfeiçoamento da formação de futuros professores em nível superior e para a melhoria da qualidade da educação básica pública brasileira. Regulamentado pela CAPES, o programa propicia a interface entre graduação e prática docente em escolas parceiras.

Como estudante de Licenciatura em Teatro e bolsista PIBID da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), venho atuando desde Março de 2025 na Escola Municipal de Tempo Integral Humberto Barradas, localizada em Jaboatão dos Guararapes (PE). Minha experiência tem se dado com a turma do 7ºB, com a supervisão da Professora de Arte da rede do Jaboatão dos Guararapes, Lyane Cavalcante, onde desenvolvo um projeto de **Teatro de Fantoques** feitos com materiais reutilizáveis, especialmente **caixas de leite**. O trabalho partiu da proposta de estimular a criatividade, a autonomia e a reflexão crítica dos estudantes por meio do teatro de formas animadas.

¹ Jheniffer Stefane Rodrigues da Silva (jheniffer.stefane@ufpe.br). Discente em Licenciatura em Teatro pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE (desde 2021). Bolsista do PIBID/Teatro-UFPE (2025).

² Lyane Marcelle Cavalcante Santos (professoralayartes@gmail.com). Mestrado em Artes pelo Programa ProfArtes-UFPB (2023). Especialista em Dança Educação - Práticas e Pensamentos do Corpo - CENSUPEG, (2017). Graduada em Educação Artística pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE (2015), com Habilitação em Artes Cênicas. Professora Efetiva de Arte do Ensino Fundamental II, na Prefeitura Municipal de Jaboatão dos Guararapes - Pernambuco desde 2016. Supervisora do PIBID/Teatro-UFPE (2025).



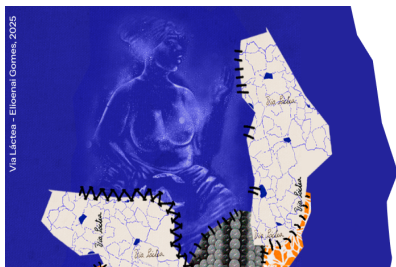
A escolha de trabalhar com o teatro de fantoches, feitos a partir de caixas de leite, partiu tanto de uma necessidade prática, de utilizar materiais acessíveis e sustentáveis, quanto pedagógica, no sentido de estimular a imaginação dos estudantes, sua autonomia criativa e sua capacidade de expressão. A proposta foi criar um espaço de experimentação em que os estudantes pudessem se ver como criadores de personagens, histórias e cenas, ampliando suas formas de comunicação dentro e fora da sala de aula.

CENA 1 - PROPOSTA METODOLÓGICA

A proposta metodológica partiu da criação de fantoches ou bonecos confeccionados com materiais reutilizáveis, sobretudo caixas de leite, escolhidas por sua acessibilidade, resistência e possibilidades de transformação criativa.

A metodologia adotada dialogou com os princípios da pedagogia freireana, sobretudo no que Paulo Freire denominou de **investigação temática**, em que os conteúdos emergem da realidade concreta dos estudantes e ganham corpo através da problematização e da construção coletiva do conhecimento (FREIRE, 1970). Adotando assim uma prática de escuta sensível e de valorização das experiências dos estudantes, compreendendo que o conhecimento se constrói a partir do diálogo e da realidade vivida.

O processo foi estruturado de maneira contínua, começando pela integração com a turma, em que foram realizados jogos teatrais e experimentações iniciais com fantoches improvisados. Em seguida, ocorreu a construção dos bonecos, momento em que os estudantes confeccionaram seus personagens utilizando materiais que eles mesmos trouxeram, relacionando-os às próprias vivências e imaginários. A partir disso, iniciou-se a elaboração da dramaturgia em grupos, tomando como base os personagens criados individualmente. Com os roteiros em mãos, os estudantes passaram para a experimentação cênica, envolvendo ensaios coletivos, improvisações e ajustes dramatúrgicos. Por fim, o processo culminou na



socialização, com apresentações parciais em sala e trocas de feedback entre os próprios estudantes.

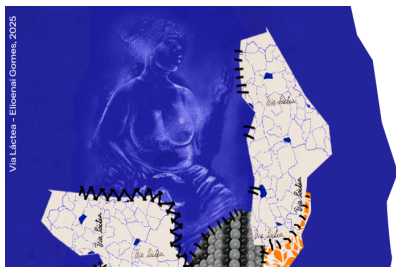
No campo teatral, optou-se por trabalhar com o teatro de formas animadas, modalidade que, segundo Ana Maria Amaral (2011), que abarca diferentes linguagens, como bonecos, máscaras e objetos, em que o animador e a matéria animada se fundem numa relação simbiótica. Amaral (1997, p.22), afirma que “Animar um objeto é deixar-se refletir nele [...]. Boneco/objeto animado não é senão energia refletida do ator-manipulador”. Nesse sentido, os bonecos criados pelos estudantes foram não apenas personagens ficcionais, mas projeções de suas próprias ideias, emoções, vivências e visões de mundo. Foi justamente esse potencial de mediação, de permitir que o estudante se expressasse por meio de um outro corpo, que motivou a escolha pelos fantoches.

CENA 2 - O TEATRO DE FANTOCHES EM AÇÃO

O mês de março marcou o início da prática na EMTI Humberto Barradas, todas as sextas-feiras. Após observar a rotina da escola e dialogar com a equipe pedagógica, iniciei o cronograma do projeto de Teatro de Fantoches. Na primeira aula com a turma do 7ºB, propus escrever um jogo de integração utilizando fantoches improvisados utilizando as mãos como objeto de animação, o que gerou curiosidade e acolhimento.

Nas aulas seguintes do mês, os estudantes iniciaram a construção de seus personagens com caixas de leite, tecidos, papéis e outros materiais trazidos de casa. Cada personagem refletia gostos pessoais, referências culturais e afetivas.

Na etapa de dramaturgia, trabalhamos a partir de perguntas norteadoras como: “***O que faz uma história ser interessante para você?***” e “***Qual o gênero de história você gosta de ver?***”; pode se ver escrever em terceira pessoa a diversidade de conteúdos que eles consomem como: terror, super heróis, comédia entre outros. Foi utilizado o livro de Marco Camarotti, *A linguagem no teatro infantil*,



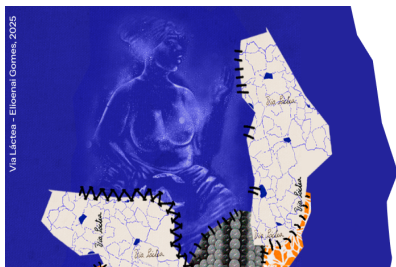
como referência para apresentar a estrutura de um texto dramático, o conceito de personagens, rubricas e cenários.

Em abril, o trabalho ganhou maior densidade. A turma dividiu-se em grupos e começou a desenvolver suas dramaturgias coletivas. Os temas escolhidos surgiram das próprias vivências dos estudantes: A importância da higiene pessoal; A escovação dos dentes; O respeito aos idosos; e a preservação da vida marinha. Cada grupo designou o tema que queria falar. Durante esse processo, sempre houve o questionamento : “Por que vocês escolheram falar sobre esse assunto?”, e a maioria das respostas vinham do contexto escolar que estavam envolvidos, principalmente porque passavam maior parte do seus dias convivendo em uma escola de tempo integral.

A experiência mais marcante foi a história do Zezinho, um menino que tinha seus dentes estragados devido ao alto consumo de doces e o seu imenso medo de dentista. A história foi baseada em fatos reais, a partir da vivência de um dos estudantes autores desse grupo, que relata ao decorrer da história seus entraves com a saúde bucal, devido ao seu medo que paralisa. O texto foi construído com o apoio de todos os colegas que sabiam da história e devolveram com muita comicidade e uma linda lição de moral para as demais crianças, sobre a importância de ir ao dentista e não ter medo, pois aquela ação é benéfica e essencial.

Nessa fase, houve a percepção de como o uso do boneco funcionava como mediador da expressão e que muitos estudantes tímidos se sentiram mais à vontade para falar através de seus fantoches, dando voz e corpo a sentimentos que, de outra forma, talvez permanecessem ocultos. Como afirma Amaral (2011), o boneco toma a frente e a criança sai de foco dos olhares alheios, permitindo que o objeto animado se torne uma ponte entre o interior e o social.

A cada encontro, havia a revisitação dos textos, onde os ajustes eram feitos e era estimulada a reflexão sobre as mensagens que desejavam comunicar.



Perguntas como “Qual a moral dessa história?” e “Para quem você está falando?” guiaram os debates, promovendo autonomia e senso crítico. Nesse processo, cada grupo compartilhava com a turma, para que todos pudessem experienciar o processo de troca de saberes.

No final do mês demos início aos ensaios para a culminância dos grupos. Os resultados alcançados foram múltiplos e vão além do que é possível medir em termos quantitativos. O que mais chamou atenção foi a maneira como os estudantes se abriram ao processo, encontrando nos fantoches uma forma de expressão que ultrapassava a timidez inicial.

CENA 3 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse experimento pedagógico e artístico, o trabalho coletivo foi fortalecido pela necessidade de criar uma dramaturgia comum, estimulando o diálogo e respeito entre os estudantes. O Teatro de Fantoches revelou-se não apenas como entretenimento, mas como linguagem educativa que favorece a escuta, a construção de subjetividades e a liberdade de expressão. Ao animar objetos, os alunos puderam se envolver sem medo de julgamentos, transformando o boneco em protagonista de suas narrativas. Essa experiência reafirma o potencial do teatro de fantoches na escola pública e, no âmbito do PIBID, contribuiu também para a minha formação docente, marcada pela escuta, paciência e valorização da criatividade dos estudantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Ana Maria. Teatro de Animação. São Paulo: Ateliê Editorial, 1997.

AMARAL, Ana Maria. Teatro de Formas Animadas: Máscaras, Bonecos, Objetos. São Paulo: EDUSP, 2011.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.